



Pesquisa e Extensão - Atividades Dissociadas?

A concepção de extensão universitária no Brasil vem sofrendo transformações e adaptações desde a década de 1930.

Inicialmente, a atividade extensionista confundia-se com atividades de cunho meramente assistencial (aspecto enfatizado nas áreas de educação e saúde) em que a Universidade equivocadamente fazia o papel do Estado. Já nas décadas de 1960 e 1970, as mesmas atividades extra-muros da Universidade muitas vezes configuravam-se numa bandeira de liberdade de expressão contra o regime político em que o país se encontrava.

Nos dias atuais, essas tendências ainda persistem de alguma forma com novos nomes, incluindo recentemente uma nova modalidade de atuação – a prestação de serviços. Se por um lado cria uma ponte entre a sociedade e a Universidade, muitas vezes tem como objetivo central a mera captação de recursos financeiros, complementando o escasso orçamento das Universidades públicas.

Em decorrência de papéis e definições pouco claras no seu próprio nascedouro, a extensão muitas vezes não é reconhecida como atividade acadêmica legítima. Além disso, em alguns casos, essa diversidade de definições deu margem à utilização da extensão como depositário de interesses não acadêmicos.

Um dos pontos mais relevantes, que justifica esse texto de reflexão, envolve a questão metodológica dos projetos de extensão. A maior restrição aos projetos de extensão apontada pela academia baseia-se no falso conceito de que os mesmos não obedecem às regras metodológicas clássicas.

No entanto, nos moldes atuais, a extensão universitária tomou um outro formato e deve ser

Rosa Leonôra Salemo Soares*

Resumo

A Extensão Universitária no Brasil vem sofrendo transformações na sua concepção e execução desde a década de 1930. Essa flexibilidade de ação muitas vezes deu origem ao falso conceito de que essas atividades não se constituem em atividade acadêmica. O artigo tem como objetivo fornecer subsídios que definem a extensão como um campo de experimentação adequado para a aplicação e transferência do conhecimento produzido. Além disso, propõe que a Universidade Brasileira inicie discussão de um novo modelo na construção da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão.

Palavras-Chave: Extensão Universitária; Pesquisa; Universidade Brasileira.

*Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense – UFF, Faculdade de Medicina.

concebida como campo de experimentação das mais variadas atividades, empregando metodologia apropriada. Valer ressaltar a metodologia participativa do tipo pesquisa-ação que vem sendo utilizada cada vez mais na confecção dos projetos de extensão. Os critérios de relevância social e científica bem definidos nos projetos levam a extensão a um patamar de igualdade com o trabalho metodológico da pesquisa clássica.

Essas atividades criam um fluxo contínuo de aplicação e transferência do conhecimento produzido nas Universidades pelas atividades de pesquisa em todas as áreas. Além disso incluem de forma universal o aluno de graduação e pós-graduação no sua execução.

Além de metodologia adequada, uma outra preocupação é com a sistematização das ações que, por exibirem modalidades diversas, necessitam de indicadores de avaliação próprios. Esse trabalho tem sido realizado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão, que recentemente construiu indicadores de avaliação de projetos de extensão, possibilitando com isso que essas atividades não fujam do seu compromisso acadêmico de produção e transferência do conhecimento.

Quando nos voltamos com olhar crítico para as atividades de pesquisa, nas universidades brasileiras, também observamos que ao longo dos anos o formato desses projetos sofreu modificações. Com o afastamento de alguns pesquisadores das suas funções docentes, criou-se uma elite acadêmica distante. A realização freqüente de atividades de investigação, com produtos desvinculados da realidade social ou do âmbito geográfico da instituição, além da ausência do aluno na execução de alguns projetos, parece ser consequência desse distanciamento.

E aí nos perguntamos: são as atividades que exibem problemas conceituais e operacionais ou a questão é mais complexa?

Talvez o conceito histórico que se materializa no quadro organizacional das Universidades, sob a forma dissociada de ensino-pesquisa e extensão, esteja envelhecendo. Num momento em que alguns enunciam o confronto de paradigmas, talvez devamos tentar unir as partes integrantes, ensino-pesquisa e extensão, num fluxo contínuo de produção do conhecimento, formação profissional, atividade acadê-

mica e interface sociedade – universidade. Talvez assim possamos promover a reconciliação e a integração das partes numa única direção.

Referências Bibliográficas:

- BOTOMÉ, S.P. *Pesquisa alienada, ensino alienante: o equívoco da extensão universitária*. Petrópolis: Vozes, 1996. 248p.
- DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1996. 119p.
- THIOLLENT, M.; ARAÚJO FILHO, T.; SOARES, R.L.S. *Metodologia e experiências em projetos de extensão*. Niterói: EdUFF, 2000. 341p.

Abstract

The concept of university extension activity in Brazil has undergone transformations and adaptations since the 30's. In some cases, variations in defining the idea gave place to misconceptions which regard such activities as external to the academic context.

The aim of this paper is to produce evidence that, nowadays, university extension programs have taken on other dimensions, and that they should now be conceived as a field of experimentation, suitable for the implementation of various activities based on warranted methodologies.

Keywords: University Extension; Research; Brazilian Universities.